

MEMÓRIA E MONUMENTALIZAÇÃO NAS INSCRIÇÕES FÚNEBRES DAS SOCIEDADES ROMANAS ANTIGAS E NOS EPITÁFIOS DE PÊRO DE ANDRADE CAMINHA

Eronildes Teixeira AMARAL¹

Orientador: Prof. Dr. Marcello MOREIRA²

Resumo

Este trabalho objetiva discutir a relação entre epitáfio, monumento e memória nas sociedades romanas antigas e no século XVI, no qual se efetua a produção dos epitáfios laudatórios de Pêro de Andrade Caminha, que institui um louvor aos ilustres que compunham a monarquia portuguesa quinhentista. Para tanto, expor-se-á um epitáfio antigo produzido pelo poeta elegíaco romano Propércio e um epitáfio de Caminha. Para descrever esses poemas, parte-se aqui de pesquisas teóricas sobre epigrafia, estudos sobre o comportamento humano diante da morte e sobre a poesia e sua ligação com a ideia de memória e monumento. O percurso da propagação das inscrições epigráficas, desde os romanos, é relevante para compreensão da relação entre monumento e memória, já que a escritura de palavras ou textos, sejam eles em formas variadas, visavam preservar a memória de personagens que detinham admiração pública desde as civilizações mais antigas.

Palavras-chave: Epitáfio, Memória, Retórica.

Abstract

This paper portrays the connection between epitaph, monument and memory in ancient Roman society and in the sixteenth century, in which Pêro de Andrade Caminha does his poems, promoting a praise of illustrious people of the Portuguese monarchy of the

¹ Aluna regularmente matriculada no PPG em Memória: linguagem e sociedade, vinculada ao projeto Memória e práticas letradas no império português: séculos XV-XIX da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-Vitória da Conquista. E-mail: nony6000@gmail.com.

² Professor Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de São Paulo (USP) e titular de Literatura Brasileira na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. E-mail: moreira.marcello@gmail.com.

sixteenth century. Thus, it will be exposed an epitaph produced by Propércio, a roman elegiac poet, and an epitaph of Caminha. The analyze of the poems is supported by theoretical research on epigraphy, studies on human behavior in the face of death and the relation between poetry and the idea of memory and memorial. The route of spread of the epigraphic inscriptions, since the Romans, is relevant to understanding the link between monument and memory, since the writing and different texts aimed to preserve the memory of characters that held public admiration from the oldest civilizations.

Keywords: Epitaph, Memory, Rhetoric.

O epitáfio tem a função de render homenagem aos mortos e, desde a Antiguidade, possui características diversas no que respeita a dimensão ou a disposição de lugares comuns do gênero. Apesar das disparidades, a inscrição tumular e o elogio fúnebre são enquadrados no mesmo tipo de designação supracitado. No século XVI, a produção desse tipo de texto volta a ser enfatizada e sua sistematização retoma poetas latinos, como Ausônio e Marcial, ambos componentes de uma tradição, e/ou as poesias da *Antologia Grega* na qual se delimita esses poemas com estrofes curtas e exploradores de uma temática epigramática.

O louvor fúnebre, ao comemorar as ações virtuosas, possibilita conjuntamente a evocação do passado, ou seja, a memorização. Observa-se que as inscrições romanas antigas também objetivavam o efeito comemorativo, e, portanto, público e social, o qual, conforme explicita Ricoeur, não se restringe aos poemas de caráter fúnebre.

Por certo, não se devem limitar os atos de comemoração às celebrações religiosas e patrióticas; as louvações e as pompas fúnebres também são celebrações; eu diria que elas se desenvolveram no tempo dos parentes e amigos, a meio caminho entre a memória privada e a memória social; mas esse tempo dos parentes e amigos e o espaço que está ligado a ele – cemitério, monumento aos mortos –, recorta-se contra o fundo do espaço público e do tempo social. Todas as vezes que pronunciamos ou escrevemos a frase: “em memória de...”, inscrevemos o nome daqueles que trazemos à memória no grande livro da co-lembrança, que se inscreve, por sua vez, no tempo maior (RICOEUR, 2007, p. 60. nota 42).

O intuito de compreender o tratamento do epitáfio como um meio de comemoração dos feitos dos nobres pressupõe a apreensão da ligação entre monumento e escritura que se faz presente desde os registros epigráficos do Alto Império romano. No conjunto das inscrições romanas, os epitáfios enquadram-se no âmbito privado, e, dessa maneira, estão submetidos às relações de poder, na medida em que o hábito epigráfico não era acessível a toda população. Destarte, a proliferação das escrituras no período da República romana revela, ainda que de modo limitado, nas atuações políticas, comerciais ou das aristocracias, um caráter representativo ou monumental próprio, posto que as mesmas eram gravadas em pedra ou em bronze. Conforme assinala Inés Sastre Prats:

el bronce y la piedra no se limitan a mostrar el texto, sino permiten su conservación, su inmortalización incluso. Pero la decisión de inscribir un texto iba más allá del mero afán conservacionista o archivero. Por eso predomina en su escritura la monumentalización política e simbólica de los espacios públicos frente a la accesibilidad y la facilidad de lectura de los textos. (WILLIAMSOM, 1987 *apud* PRATS, 2002, p. 17)

No sentido descrito pela autora, o destaque não é tão somente concebido ao texto, já que o contexto arquitetônico e escultórico nos quais são dispostas as palavras completa a representação monumental que integra o espaço da cidade. Além disso, depreende-se que a imortalização pode direcionar-se ao texto que se configura no suporte material como também à figura que se faz representada nas letras.

Alguns estudos têm demonstrado que a estrutura e conteúdo presente nos inscrições sepulcrais latinas incluem-se em determinada convenção literária. Destarte, na tentativa de discriminar uma matriz anterior que determina a escrita dos epitáfios seiscentistas, busca-se investigar as características presentes em algumas inscrições fúnebres ou epitáfios das sociedades romanas antigas. Um dos autores desse tipo de gênero a ser elencado é Propércio e, na análise de um dos seus epitáfios, Gregorio Rodríguez Herrera enumera algumas premissas básicas que posteriormente foram empregadas com certa recorrência.

Para ilustrar mais detalhadamente as características elencadas será exposto o poema de Propércio, na versão em inglês, proposta por Herrera (1999):

Therefore, when fate claims my life from me,
and I become a brief name on a small marble plate,

Maecenas, enviable hope of our youth,
and genuine glory in my life and in my death,
should a nearby path happen to lead you to my tomb,
halt your British chariot with ornamented yokes and,
crying, say these words to the mute ashes:
“a cruel girl was the fate of this poor man”.

Perfaz-se a convenção literária na ordenação de aspectos no poema. A ideia de a vida ser gerida pelo destino, preponderante logo no início do poema, no primeiro verso, constitui um dos aspectos ressaltados por Herrera. Emerge ainda no poema outro preceito referente à descrição do túmulo com a simples inscrição nele exposta, já que muito deles apresentavam apenas o nome do morto. No dístico que delimita o nome do defunto, há segundo o autor, uma ruptura, posto que, o nome Maecenas dispõe-se à maneira de Virgílio e Horácio, tornando o epitáfio funerário genuíno ao alterar a condição de simplicidade de ser apenas um breve nome em uma placa de mármore e dispor a estrutura que lhe é peculiar: nome do morto (verso 3), convite a quem passa e diálogo com o passante (verso 5-6), lamento para com o falecido (verso 7) e detalhes de sua morte (verso 8).

Retomando, em outras palavras, os versos 5 e 6 consistem na formulação de um convite dirigida ao passante, enquanto o verso 7 expressa o pesar do mesmo diante da morte. Nessa perspectiva, as palavras do poema conduzem ou motivam o sentimento patético, ao delinear as circunstâncias da morte daquele a quem se dedica a homenagem. Tais efeitos, a saber, o convite e o pesar, englobam os preceitos comuns ao epitáfio. Além disso, segundo Herrera, “latin epitaphs also invite the passer-by explicitly to utter some sentence aloud, as can be found in CLE, *1330, 5 *terris quicumque viator transieris et dixeris [h]ui[c] tumulo ‘Aufidi que’*.” (HERRERA, 1999, p. 95-96). Essa proclamação por uma leitura em voz alta sugere um efeito de recordação maior por parte de quem está lendo. Ademais, outro fator peculiar dos epitáfios funerários que aparece no epitáfio sob estudo é o binômio antagônico: vida versus destino, ou vida versus morte.

Como atesta o estudioso, os elementos da convenção antecipam a escrita do epitáfio de Propércio. Todavia, mesmo que o lugar-comum de traçar um retrato psicológico da pessoa apareça na inscrição, conforme preconiza o modelo, Propércio, consoante o teórico, amplia o retrato da figura de Cynthia, a qual é descrita como uma menina difícil, cruel; do que resulta um adjetivo negativo, uma vez que, o vocábulo

“menina” comumente acompanha-se de atributos positivos: proba, pudica, formosa, casta, amorosa, etc. Nesse sentido, Herrera menciona uma inversão da imitação em Propércio, já que o *topos* do *servitum amoris* é atualizado no epitáfio com o adjetivo “difícil”, endereçado àquela que é a causa da morte dele.

Essa variação em relação ao modelo traduz-se na dinâmica própria deste gênero, que postula a criação de um texto novo, com um novo significado, produzindo discursos diversos, ao mesmo tempo em que absorve os elementos básicos característicos desse tipo de composição preconizados pela convenção literária.

Nesse espaço, analisar-se-á um dos epitáfios produzidos pelo poeta quinhentista Pêro de Andrade Caminha, com o intuito de ver as confluências e divergências de determinados lugares-comuns, que denunciam o caráter prescritivo do escrito, em relação ao primeiro epitáfio exposto. Antes, porém, dispor-se-á o poema por completo, para depois analisá-lo em partes.

À princesa D. Joana
EPITÁFIO

Roubou a morte um grão tesouro à vida,
De virtudes exemplo celebrado.
A Princesa Joana, aqui escondida
Neste templo a Deus dela levantado.
Sua ausência será sempre sentida,
E seu nome com dor sempre lembrado.
E aqui s’honrará sempre sua memória,
E em todo mundo sua fama, e glória.

Tanto o primeiro epitáfio quanto o segundo apresentam uma oposição entre a morte e a vida, corroborando o sentido de uma vida que é retirada, no primeiro, pelo destino e, no segundo, pela morte. Além disso, outra similaridade partilhada por ambos é a quantidade de versos e o lamento da ausência da pessoa querida, cujo “nome com dor sempre lembrado”.

Embora o nome da pessoa morta apareça no título do epitáfio e no terceiro verso, a descrição do epitáfio não se atém em mostrar que a vida é guiada pelo destino, ou que o seu túmulo apresenta uma simples inscrição, também não explicita em forma dialógica uma mensagem a um passante, características elegidas no epitáfio de Propércio. Tais disparidades são perfeitamente compreensíveis se levado em conta a estrutura das inscrições antigas que se dispunham nos caminhos e estradas para perfeita

visualização de quem percorria esses locais e, além disso, a escolha da informação a ser transmitida é distinta, pois, no primeiro texto, ressalta-se o engano amoroso sofrido pelo morto e, no segundo, o intuito primordial é louvar os componentes da nobreza do estado monárquico português. Além disso, uma parte considerável das inscrições romanas antigas não engloba a influência do cristianismo que se afirmou posteriormente na região. Para preencher o objetivo laudatório e ratificar os valores cristãos, sequenciam-se, no último poema, as virtudes da princesa D. Joana, que a torna um “exemplo celebrado”, sobretudo, no que respeita a aceitação da fé cristã, já que o seu túmulo é um templo a Deus. Outro aspecto manifesto na poesia é que, no escrito, a memória de Joana será honrada “E em todo mundo sua fama, e glória” também o serão, porque o texto poético garante a perenidade do nome, da fama que tivera em vida D. Joana.

Os epitáfios aqui expostos apresentam oito versos e isso não constitui uma regra absoluta, pois autores como Sá de Miranda e Antônio Ferreira variaram entre oito e onze a quantidade de versos.

É imprescindível divulgar que, na escritura e tema dos epitáfios analisados, apresenta-se implícita ou explicitamente a ideia de memória, atualizada nas palavras que se dispõem na lápide e na lembrança do morto suscitada aos passantes ou aos leitores na leitura do texto. No estudo de Davis sobre memória e epitáfio, evidencia-se que o termo memória explica-se a partir de duas acepções: “(1) the mental faculty of the memory, (2) the act of recollecting or recalling something in this instance evoking, as it were, the persons of the dead” (DAVIS, 1958, p. 170).

Na tentativa de estabelecer a relação entre esse gênero e a memória, Davis traz à luz uma antiga superstição de que a leitura de epitáfios ocasionava a perda da memória, no primeiro sentido elencado por ele. A alusão a essa crença encontra-se no diálogo filosófico Cato Maior (em português “Catão o Velho”), escrito por Marco Túlio Cícero (106-43 a.C.) no início do ano 44 a.C. Em seu estudo, Davis salienta que Cato não acreditava que perderia sua memória lendo epitáfios, do contrário, ao lê-los acreditava estar revigorando-a, na medida em que conseguia recordar cidadãos mortos específicos e seus tempos.

No que refere à utilização do termo memória, mas especificamente “em memória de”, Davis afirma que, desde a era de Augusto, ele se fazia presente nas inscrições sepulcrais e possui um relevo especial, visto que chega a assemelhar-se a uma abstração personificada da memória ou do espírito da pessoa morta. Nas suas palavras:

Besides the figurative meaning of establishing the Cult, as it were of someone's memory, the grave-stone itself, and more specially the commemorative inscription on it, would seem to be singled out by the common formula *memoriam posuit* (or *fecit*) and the name of the person erecting the monument. Just as often memory occurs without a verb at the beginning of the text in any one of several cases, and with or without the preposition *in*, and is generally followed by the name of the person commemorated in the genitive. Our current formula, *in memoriam*, derives, of course, from this usage. [...]. In the latter instance the word appears almost like a personified abstraction of memory, or even the genius of the dead person whose name follows. Occasionally the qualification *bonae memoriae* is used to describe the departed, a practice extended and popularized by the Christians in later times, e. g, *beatae memoriae*. In patristic times *memoria* actually became a common synonym for *sepulcrum and tumulus* (DAVIS, 1958, p. 173).³

Do XV ao XVII, também ao túmulo era imputada uma atribuição de garantir à posteridade as lembranças dos feitos memoráveis do morto. Tal concepção corrobora-se na expressão recorrente “à eterna memória de” (ARIÈS, 1981, p. 245), bem como ao termo *monumentum*, ambos alusivos à epigrafia funerária romana. Essas expressões assumem um caráter biográfico, ao substantificar a lembrança de uma vida e seus atos (ARIÈS, 1981, p. 245). Ao visar à imortalidade terrena, sem deixar de referir a imortalidade celeste, preconizada pela igreja, os epitáfios perpetuam a memória de homens e de suas famílias.

O tema da eternidade da poesia emerge na literatura latina em epitáfios atribuídos a Névio, Plauto, Pacúvio. Citando Woodman, que ao tratar do sentido funerário do *monumentum* alude a tríade de características para o poema – epitáfio, epílogo e prece –, preconizando, então, uma nova imagem e um novo contexto nos quais se aplica a ideia de imortalidade, Achcar atesta que ambos, imagem e contexto,

³ “Além do sentido figurado de estabelecimento do Culto, como a memória de alguém é, a lápide em si, e mais especialmente a inscrição comemorativa sobre ela, parecem ser apontados pela forma comum memória que tenho (ou faço) e o nome da pessoa para a qual erigiu-se o monumento. Frequentemente, a memória ocorre sem um verbo no começo do texto em alguns dos muitos casos, e com ou sem a preposição *in* (*em*) e é geralmente seguida pelo nome da pessoa comemorada no genitivo. Nossa fórmula corrente, em memória, deriva, é claro, deste uso. [...]. Em última instância, a palavra aparece quase como uma abstração personificada da memória, ou até mesmo do gênio da pessoa morta cujo nome segue. Ocasionalmente, a qualificação boa memória é usada para descrever o falecido, uma prática ampliada e popularizada pelos cristãos em épocas posteriores, como, por exemplo, memória abençoada. Nos tempos patrísticos a memória se torna um sinônimo comum para sepulcro e túmulo.” (*Tradução nossa*).

não são inéditos, pois a assertiva da poesia como *monumentum* é romana, e o tema é um lugar-comum antiquíssimo que permanece reiterado em Propércio, Ovídio, Sêneca. Quanto à definição do latim, *monumentum* significava “um monumento qualquer em pedra e bronze, uma obra literária, em prosa ou em verso, na materialidade de sua redação escrita” (ACHCAR, 1994, p.163). Figura-se, então, uma relação entre poesia e memória desde os antigos, especialmente em Horácio na composição do verso resistente. “O caráter imperecedouro da poesia e a associação entre reis e poetas são narrados em quase todas as poéticas e retóricas quinhentistas” (MOREIRA, 2006, p.104).

Pêro de Andrade Caminha, natural do Porto, toma como exemplo de poeta em sua época Antônio Ferreira, por igualar em mérito os antigos. A estudiosa Vanda Anastácio reuniu vários poemas compostos por Caminha, de diversos gêneros, como odes, éclogas, epitalâmios, elegias, epitáfios, etc. Ao tecer considerações sobre o epitáfio, ela argumenta que essa composição associa-se à homenagem prestada aos mortos, e, desde a Antiguidade, a mesma assume características distintas. Nas suas palavras:

sob a mesma designação agrupam-se, por exemplo, realidades tão díspares como a inscrição tumular ou o elogio fúnebre, e a amplitude das fronteiras formais do gênero constitui mesmo uma das características da sua definição (ANASTÁCIO, 1998, p. 207).

Essa proposição nos leva a afirmar que o epitáfio não segue a um modelo fixo, embora sua escritura revele uma sistematização baseada em uma tradição, como as composições de origem produzidas por Macial (c.40-c.104), por Ausônio (c.309-315), por Ageriano (finais do século XV-meados do século XVI) e as poesias da *Antologia Grega*.

Além disso, como pode se visualizar nos poemas de Propércio e Pêro de Andrade Caminha, o epitáfio se limita a uma estrofe curta, tratando o assunto de forma epigramática. Além deste atributo, assim como as antigas inscrições fúnebres, o epitáfio consiste em uma evocação a quem passa. No exíguo espaço em que se apresenta a temática são dispostos os *topoi* ou lugares-comuns preconizados pelos antigos e elencados na *Antologia Grega*. Então, é comum aparecer nesse gênero a demonstração de oposição entre:

a exiguidade do túmulo e a grandeza do defunto, o seu elogio em termos panegíricos, às referências à glória alcançada através de feitos militares, a construção do poema sobre a forma de diálogo com o morto, os protestos de amizade ou de amor eternos aos desaparecidos, a apresentação do texto como um enigma (ANASTÁCIO, 1998, p. 208).

Esse ponto de vista conduz a afirmação de que o domínio retórico-poético de construção dos epitáfios supõe uma “operação particular de recursos de gênero historicamente disponíveis, capazes de produzir certos efeitos de reflexo e representação.” (PÉCORA, 2001, p. 13). Consoante explicita Bartholomeu Alcaçar, “a oração fúnebre é aquela, que costuma tecer em louvor de homem defunto” (ALCAÇAR, p. 64). Ele a divide em exórdio, confirmação e peroração. Essa segunda parte se constitui a partir do louvor da nobreza dos antepassados em relação à pátria, igreja, etc. Acrescenta adiante que deve se discriminar que havia praticado todos os feitos ilustres e, conforme solicita o gênero morte, deve se ressaltar que morreu lutando pela pátria ou religião. Na peroração, o teórico diz que devem ser tecidos os votos para o defunto, lhe desejando memória para com os vindouros, além de abordar a necessidade de morrer em favor da República, e Igreja.

Pêro de Andrade Caminha, na composição dos seus poemas, dispõe alguns desses preceitos, visando alcançar proteção e patrocínio dos entes do morto ou daqueles que herdaram a sua posição e, assim, o discurso laudatório “transfere parte do capital simbólico do encomiado para o discurso poético” (MOREIRA, 2006, p. 144). Essa transferência só é possível por meio da escrita, que institui um louvor “sobre o esquecimento (...), já que o procedimento discursivo é autocomemorativo” (MOREIRA, 2005, p. 77). Ademais, conforme Hansen (1999, p. 36), o “elogio da cabeça mandante” resulta no favorecimento de quem o faz. O poeta memoriza o saber, na medida em que conhece o modelo e promove a si como *auctoritas* e fundamenta a autoridade dos “melhores”.

Dado o exposto, depreende-se que o fenômeno mnemônico e a técnica retórico-poética da memória, na sociedade letrada de Portugal, estão imbricados ao poder exercido pelo capital simbólico, designado a partir da linguagem e da comunicação mediante “instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação (violência simbólica)” (BOURDIEU, 1998, p. 11).

Assim, os epitáfios, dispostos em lápides ou não, são enunciados que visam a tornar pública a lembrança do defunto, amenizando os efeitos destrutivos do tempo e evitando o seu anonimato pelas gerações futuras, constituindo, dessa maneira, um *monumentum* que perpetua a memória ilustre, na medida em que celebra os feitos das *personae* nobres, componentes privilegiados hierarquicamente na sociedade estamental do Estado monárquico português.

Os epitáfios quinhentistas de Pêro de Andrade Caminha destinam-se ao encômio das *personae* ilustres, por meio da disposição regrada dos feitos ou ações dignas de se transformarem em memória; desse modo, “os feitos são condição para uma memória por meio de escritos” (MOREIRA, 2005, p. 79). As composições fúnebres apresentam um aspecto heróico, uma vez que associam-se aos padrões hierárquicos estabelecidos.

Portanto, o epitáfio ao referir à personalidade viva do defunto, perpetua sua lembrança de forma que a imortalidade do céu apregoada pelos católicos seja equiparada a que se deseja manter na terra por meio do monumento comemorativo.

Referências Bibliográficas

ACHCAR, Francisco. *Lírica e lugar-comum: alguns temas de Horácio e sua presença em português*. São Paulo: EDUSP, 1994.

ANASTÁCIO, Vanda M^a Coutinho Garrido. *Visões de Glória*. (Uma Introdução à Poesia de Pero Andrade Caminha). Porto: Calouste Gulbenkian, 1998.

ALÇAÇAR, Bartholomeu. “Das espécies, Invençam e Disposiçam das Oraçens, que pertencem ao Gênero Exornativo”. Do Padre Bartholomeu Alçaçar da Companhia de Jesus no seu Trat. De Rethorica. In: *Delicioso Jardim da Rethorica, Tripartido em Elegantes Estâncias, e adornado de Toda a casta de Flores da Eloquência, ao qual se juntam os opúsculos de Modo de Compor, e Amplificar as Sentenças, e da Airosa Colocaçam, e Estrutura das Partes da Oraçam*. Segunda edição, mas correctae augmentada ultimamente com o Opúsculo Das espécies, Invençam e Disposiçam das Oracens, que Pertencem ao Gênero Exornativo. Lisboa: Na Officina de Manuel Coelho Amado, na Rua das esteiras e à sua custa impresso. M.CC.L. pp. 42-74.

ARIÈS, Philippe. *O Homem Diante da Morte*. Vol.1. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas linguísticas*. São Paulo: EDUSP, 1998.

- DAVIS, Hugh H. Epitaphs and the Memory. In: *The Classical Journal*. Nº 4, Vol 53, The Classical Association of the Middle West and South (jstor), p. 169-176, 1958.
- HERRERA, Gregorio Rodriguez. Propertius 2.1.71-78 and the Latin Epitaphs. In: *Mnemosyne*. 4ª série, Vol. 52, Brill (jstor), p. 194-197, 1999.
- HANSEN, João Adolfo. Razão de Estado. In: NOVAES, Adauto (Org.). *A Crise da Razão*. São Paulo: Companhia das Letras; Brasília, DF: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1999.
- MOREIRA, Marcello. Ad Parnasum – Expansão, Colonização e Empresa Civilizatória Lusa em Música do Parnasso. *Revista Usp*, São Paulo. Seção Textos, n. 70, pp. 141-151, jun-ago, 2006.
- _____. As armas e os barões assinalados: Poesia Laudatória e Política em Camões. In: *Revista Camoniana*. 3ª série, Bauru, São Paulo: EDUSC, Vol. 17, p. 77-104, 2005.
- PÉCORA, Alcir. *Máquina de gêneros*. São Paulo: Edusp, 2001, pp. 11-16.
- PRATS, Inés Sastre. Epigrafía y Formaciones Sociales en el Noroeste Romano. In: ____ *Onomástica Y Relaciones Políticas en la Epigrafía del Conventus Asturum Durante el Alto Imperio*. Consejo Superior de Investigaciones Científicas. Instituto de Historia. Departamento de Historia Antigua y Arqueología: Madrid, 2002, p. 15-47.
- RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora da UNICAMP, 2007.